

1 — Liberdade de Expressão

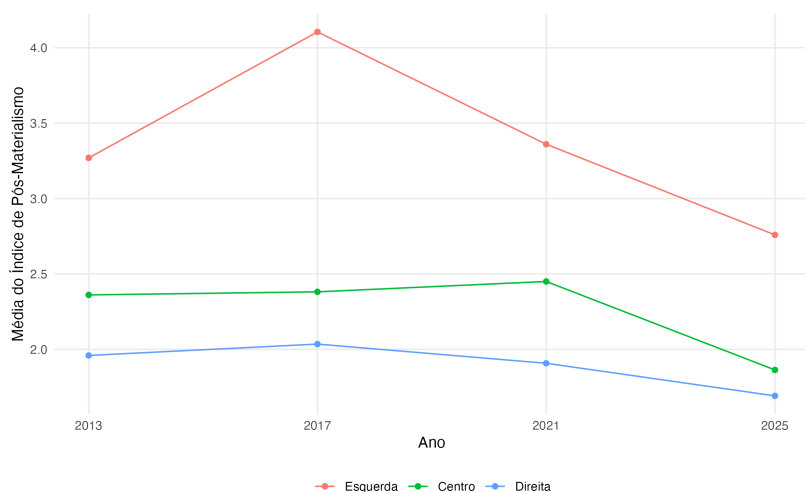
Autores: Cesar Zucco, Bruna Ayres, Camila Reis, Timothy Power

Na medida em que as sociedades vão suprimindo suas necessidades materiais, a “sobrevivência material” dá lugar à “autoexpressão” como prioridade política. Essa, pelo menos, é a expectativa derivada da influente teoria da mudança de valores políticos de Inglehart. Esse deslocamento configura o que o autor chama de transição para valores pós-materialistas. Na sua formulação clássica, crescimento econômico e segurança seriam valores materialistas, enquanto autonomia, proteção ambiental, igualdade de gênero e liberdade de expressão seriam exemplos de valores pós-materialistas. Como os valores políticos dos indivíduos tendem a se formar e cristalizar na juventude, mudanças de valores no nível da sociedade ocorreriam entre gerações, em processos lentos.

Valores materialistas caracterizam o eixo esquerda-direita tradicional, mas não há um vínculo teórico *a priori* entre esse eixo e o de valores pós-materialistas. Inglehart ressaltava que uma pessoa pós-materialista pode ser economicamente conservadora e, ao mesmo tempo, culturalmente liberal. Em outras palavras, essa nova clivagem de valores atravessa as divisões clássicas da política de classe. Ainda assim, desde as primeiras análises de dados das democracias avançadas, no fim dos anos 1960 e ao longo dos anos 1970, as pautas pós-materialistas foram encampadas principalmente por partidos e movimentos à esquerda, como o movimento estudantil, os partidos verdes e outros movimentos sociais que surgiam naquele período. Pode-se dizer, portanto, que valores pós materialistas são empiricamente associados à esquerda do espectro ideológico apesar dessa associação não ser teórica nem necessária.

Neste contexto, a defesa da liberdade de expressão também não era teoricamente associada nem à esquerda nem à direita tradicional, mas na prática aparecia mais ligada a posições à esquerda. Nas últimas décadas, porém, o significado político da liberdade de expressão tornou-se mais heterogêneo. Em democracias liberais, o apoio à liberdade de expressão passou a atrair segmentos culturalmente conservadores ou de perfil libertário à direita, que, em outros aspectos, não se alinham ao pós-materialismo.

As quatro últimas ondas da PLB (2013, 2017, 2021, 2025) incluem um conjunto de perguntas que mede a prevalência de valores materialistas e pós-materialistas. Os respondentes veem três grupos com quatro valores cada e, em cada grupo, escolhem os dois que consideram prioritários. Cinco dos doze valores são considerados pós-materialistas. As respostas geram, portanto, um índice de pós-materialismo que varia de zero a cinco, dependendo de quantos itens



Índice de pós-materialismo por grupo ideológico (2013–2025)

Contato: cz2972@columbia.edu | **Financiamento:** Rede de Pesquisa Aplicada da Fundação Getulio Vargas, CNPq e University of Oxford | **Apoio Institucional:** CEFOR-Câmara dos Deputados | **Dados:** dataverse.harvard.edu/dataverse/bls (10ª onda disponível em breve)

pós-materialistas cada participante

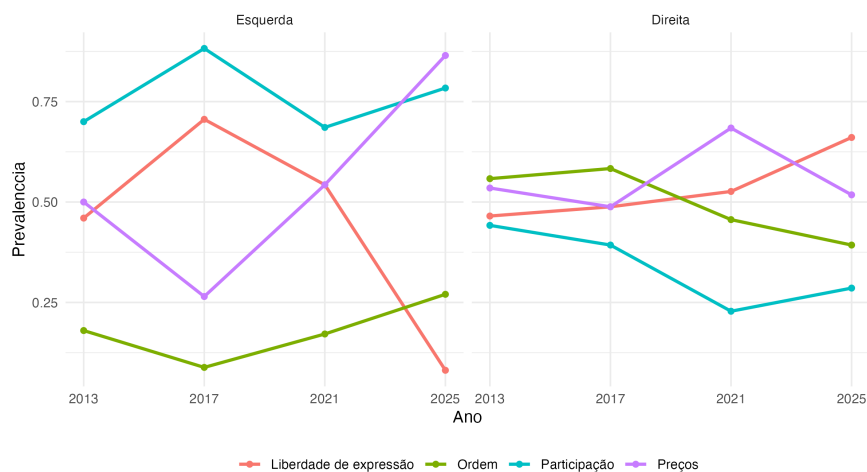
escolheu. Cabe notar que esse conjunto de perguntas força uma escolha e mede objetivos *prioritários*. Os respondentes não dizem o quanto valorizam cada item, apenas apontam os dois que colocariam à frente dos outros – o que não significa que considerem os demais irrelevantes.

No geral, a esquerda no Congresso sempre foi mais pós-materialista do que a direita, o que não é surpreendente porque meramente reproduz resultados obtidos pelo mundo afora. Os dados mostram também que tanto a direita quanto a esquerda têm se tornado *menos* pós materialistas e até um pouco mais semelhantes entre si neste aspecto.

É justamente no item “proteger a liberdade de expressão” que a PLB registra o resultado mais pronunciado. Em cada uma das três edições da PLB, um pouco mais da metade dos parlamentares escolheram o item como um valor prioritário dentre os 12 apresentados. Entre os congressistas de esquerda, quase 70% escolheram a liberdade de expressão como valor central em 2017 e 60% fizeram o mesmo em 2021. Na última onda, no entanto, menos de 10% a selecionaram. Na direita, o movimento foi inverso: nas três primeiras ondas em que a pergunta foi incluída, cerca de 50% selecionavam o item; na última, esse número subiu para cerca de 65%.

Vale lembrar que a teoria da mudança de valores prevê um processo gradual e geracional, que se desenrola uma vez atendidas as necessidades materiais e de segurança. A mudança que vemos aqui foi brusca, e nada indica que motivada pela superação de carências materiais. O que significa, então, essa mudança no padrão de quem entende que a defesa da liberdade de expressão deva ser uma prioridade do país?

A hipótese mais provável é que o item está captando algum outro aspecto da dinâmica política brasileira de curto prazo e que talvez não sirva mais como indicador dos valores dos parlamentares. Uma primeira pista vem do próprio índice geral de pós-materialismo. Se a direita estivesse genuinamente migrando para uma agenda pós-materialista, esperaríamos ver o índice subir junto com a defesa da liberdade de expressão. Mas não é isso que ocorre: o índice permaneceu estável, e até recuou um pouco. O item liberdade de expressão, portanto, parece ter se descolado dos demais itens pós-materialistas dentro do bloco de direita.



Prioridades por grupo ideológico

A análise se torna ainda mais reveladora quando olhamos para os outros itens que aparecem ao lado da liberdade de expressão no questionário. Como cada grupo tem quatro itens e o respondente escolhe apenas dois, ganhar apoio em um item significa necessariamente perder em outro do mesmo grupo. A liberdade de expressão está no segundo grupo, ao lado de outro item pós-materialista – “aumentar a participação das pessoas nas decisões dos governos” – e de

dois itens materialistas: “manter a ordem no país” e “combater o aumento de preços”. Como a escolha é forçada, podemos observar para onde foi o apoio que a esquerda retirou da liberdade de expressão e de onde

veio o apoio adicional que a direita passou a dar a ela.

Na esquerda, o movimento foi nítido: a perda de prioridade da liberdade de expressão foi acompanhada por um aumento na priorização do controle de preços. Não é possível dizer, a partir dos dados, se o que motivou a mudança foi uma preocupação crescente com inflação ou uma fuga deliberada do tema da liberdade de expressão. Já na direita, o ganho da liberdade de expressão veio à custa dos outros três itens do grupo, sugerindo que o tema vem progressivamente atraindo os respondentes de direita.

A politização recente do tema ajuda a entender esses movimentos. A PLB de 2017 foi a campo no ano seguinte ao impeachment de Dilma Rousseff. A esquerda, à época na oposição, acumulava derrotas no Congresso, nas eleições municipais e no Judiciário – Lula havia sido condenado em primeira instância pelo juiz Sérgio Moro. Não chega a ser surpreendente, portanto, que a preocupação com a liberdade de expressão tenha atingido seu ponto máximo entre parlamentares de esquerda nesse período.

Em 2025, é a direita que se vê em posição defensiva. O processo vêm pelo menos desde 2019, quando o STF instaurou o “Inquérito das Fake News,” mas atingiu outro patamar com as condenações no TSE em 2023 e 2024 e a condenação penal de Bolsonaro, que ocorreu durante a aplicação da última onda da PLB.

As redes sociais oferecem indícios concretos dessa sensibilidade. Um levantamento do comportamento dos parlamentares respondentes nas mídias sociais corrobora tanto o padrão de respostas à PLB quanto a interpretação de que o tema foi politizado. A direita posta mais sobre “liberdade de expressão” do que a esquerda e dentro desse tema, os posts da direita que mais repercutem são os que falam explicitamente sobre “censura”.

Os picos de postagens políticas sobre “liberdade de expressão” nos últimos dois anos coincidem, sem exceção, com episódios de atrito entre figuras da direita e o Judiciário. Em 2024, as menções ao tema atingiram seu pico durante o impasse entre o STF e Elon Musk, dono do X, em torno do fornecimento de dados para investigações em curso no país. Em fevereiro de 2025, novo pico foi motivado pela visita ao Brasil de Pedro Vaca, relator para liberdade de expressão da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), órgão da OEA. Em junho, dois episódios concentraram a maior parte do volume de postagens sobre liberdade de expressão no ano: o julgamento do Marco Civil da Internet no STF e a votação das medidas cautelares contra Bolsonaro por suposto risco de fuga, marcada também pela grande repercussão do voto divergente do ministro Luiz Fux. Esse padrão de postagem reforça a ideia de que a defesa da liberdade de expressão no contexto atual é mais uma resposta à conjuntura política e eleitoral do que a promoção de um valor básico da democracia.

Os outros dois grupos do questionário confirmam que os recentes movimentos em torno da defesa da liberdade de expressão constituem mais uma exceção do que um giro pós-materialista na direita brasileira. A esquerda mantém um perfil misto, combinando itens materialistas e pós-materialistas. A direita escolhe consistentemente itens materialistas – economia e segurança. A liberdade de expressão é, portanto, a única escolha pós-materialista que a direita faz no questionário inteiro, e mesmo assim funciona menos como expressão de valores duradouros do que como bandeira política do momento. O resultado é que hoje, pela primeira vez, priorizar a liberdade de expressão como objetivo da sociedade brasileira é uma posição claramente de direita.

A conclusão é que, embora os doze itens de Inglehart tenham sido pensados e validados como medidas de valores, hoje eles captam dinâmicas político-eleitorais de curto prazo. O próprio Inglehart reconhecia que respostas em pesquisas podem ser influenciadas pela conjuntura – crises, conflitos políticos, mudanças no discurso das elites. Quando um tema se torna fortemente disputado no debate público, uma pergunta de survey deixa de refletir valores duradouros e passa a expressar o alinhamento político do momento. Foi

o que aconteceu com a defesa da liberdade de expressão: ela perdeu consistência como indicador de pós-materialismo justamente porque virou uma das principais bandeiras na disputa política em curso.

Inglehart já havia antecipado que mudanças rápidas no perfil de quem defende determinado valor podem indicar menos uma transformação profunda de valores e mais a politização daquele tema no debate público. Estamos vivendo um destes momentos.

Perguntas da pesquisa utilizadas neste texto:

tenggoal Fala-se muito sobre quais objetivos o Brasil deve procurar atingir nos próximos dez anos. Quais destes objetivos o(a) Sr.(a) pessoalmente considera o mais importante e o segundo mais importante?

- A ter um alto nível de crescimento econômico
- B garantir um forte sistema de defesa para o país
- C aumentar a participação das pessoas nas decisões que são tomadas nos locais onde vivem e trabalham
- D conservar, melhorar e embelezar nossas cidades, e todo o interior do país

currentgoal E se tivesse de escolher, qual dessas coisas o(a) Sr.(a) diria que é a mais importante e qual é a segunda mais importante atualmente?

- E manter a ordem no país
- F aumentar a participação do povo nas decisões importantes do governo
- G combater o aumento de preços
- H proteger a liberdade de expressão

othergoal Aqui está uma outra lista. Em sua opinião, qual destas coisas é mais importante? E em 2o lugar?

- I uma economia estável
- J uma sociedade mais humana e menos impessoal
- L uma sociedade em que as ideias tenham mais valor que o dinheiro
- M combater a criminalidade